

O ESPETACULAR NO SAGRADO: UM ESTUDO SOBRE A FESTA DOS TABERNÁCULOS NA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

THE SPECTACULAR IN THE SACRED: A STUDY ABOUT THE FESTA DOS TABERNÁCULOS IN IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

*Taimara Brito**

Cite este artigo: BRITO, Taimara. O Espetacular no Sagrado: um estudo sobre a Festa dos Tabernáculos na Igreja Universal do Reino de Deus. **Revista Habitus:** Revista da Graduação em Ciências Sociais do IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 2, n. 16, p. 101-111, agosto, 2018. Semestral. Disponível em: revistas.ufrj.br/index.php/habitus.

Resumo: O presente artigo busca analisar o trânsito de sentidos que envolve a Festa dos Tabernáculos, realizada pelas mulheres da Igreja Universal do Reino de Deus. A festa celebra a proteção divina que sustentou o povo de Israel no deserto a caminho da “Terra Prometida” e, através dela, compreende-se como esse episódio pode ser apreendido na atualidade. Para o desenvolvimento da análise, foi realizada uma pesquisa com ênfase qualitativa, baseada na observação participante, com realização de entrevistas semiestruturadas e estudos bibliográficos. Em suma, a festa atua como um ritual de afirmação de uma memória coletiva e permeia a experiência social e a identidade das participantes.

Palavras-chave: Neopentecostalismo; Ritual; Performance; Memória; Identidade.

Abstract: This article aims to analyse the transit of meanings about the Festa dos Tabernáculos made by women of the Igreja Universal do Reino de Deus. The feast celebrates the divine protection that sustained the people of Israel in the desert on the way to the "Terra Prometida", and through this, it is understood how this episode can be apprehended nowadays. For the development of the analysis, a research with qualitative emphasis was accomplished, based on participant observation, semi-structured interviews and bibliographic studies. In short, the feast acts as a ritual of affirmation of a collective memory and permeates the social experience and the identity of the participants.

Keywords: Neopentecostalism; Ritual; Performance; Memory; Identity.

A Festa dos Tabernáculos, também chamada de Festa das Cabanas ou Festa da Colheita, tem origem nos textos bíblicos do Antigo Testamento. É uma comemoração em memória aos quarenta anos vividos pelo povo de Israel em cabanas no deserto, a caminho de Canaã, a “Terra Prometida”. A festa celebra a proteção divina que sustentou o povo no deserto, após a libertação da escravidão no Egito, e relembra que, apesar dos tempos difíceis vividos durante a caminhada, Deus não se apartou do grupo e não lhes deixou faltar nada. Em síntese, a Festa dos Tabernáculos é uma comemoração realizada por diversas instituições religiosas ao redor do mundo, na qual as pessoas ofertam e louvam a Deus por diferentes formas, simbolizando a gratidão pelas provisões e proteções contínuas.

O objetivo ao qual me proponho nesta pesquisa consiste em compreender o significado que as mulheres, fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), atribuem à Festa dos Tabernáculos e em perceber o trânsito de sentidos dessa celebração e de seus ritos para esse grupo religioso. A fim de entender os valores, as crenças, os discursos e as práticas desse grupo, optei por realizar uma pesquisa com ênfase qualitativa, baseada na imersão prolongada na comunidade religiosa da IURD. Para a coleta de informações, usei documentos e *sites* oficiais da igreja, realizei entrevistas semiestruturadas com as fiéis e utilizei a técnica da observação participante, que pretende entender a cultura estudada a partir da experimentação das suas condições de vida. As etnografias sobre o campo foram realizadas em diferentes unidades da IURD no Rio de Janeiro, incluindo o Templo da Glória do Novo Israel (sede da igreja no RJ), e no Templo de Salomão, em São Paulo. Este estudo foi realizado entre os anos de 2013 e 2016 e foi posto em diálogo com as bibliografias acadêmicas sobre o tema, além de ser discutido e analisado com a orientadora da pesquisa.

1. Apresentação da festa na IURD

A Igreja Universal do Reino de Deus [1] tem o costume de realizar a Festa dos Tabernáculos em muitas das suas unidades. A primeira celebração aconteceu em 2011 e, originalmente, a sua realização e participação eram restritas ao grupo Godllywood. O Godllywood é um projeto idealizado por Cristiane Cardoso, filha do Bispo Edir Macedo – líder da IURD – e foi elaborado a partir de uma indignação relacionada à “promiscuidade feminina” e aos “valores errôneos” transmitidos pelas mídias, principalmente as provenientes de Hollywood. O projeto foi criado em 2009 no Texas, Estados Unidos, e em pouco tempo foi difundido pelas unidades da IURD em diferentes países. O nome do projeto pressupõe, através da junção das palavras *God* (Deus em inglês) e *llywood*, a criação de uma “Hollywood de Deus”.

O Godllywood é formado por mulheres da Igreja Universal do Reino de Deus e o seu principal objetivo é transformar as integrantes em “mulheres exemplares”, “mulheres de Deus”, avessas às influências Hollywoodianas, através de orientações e de códigos de conduta com regras estritas. Segundo

[1] A Igreja Universal do Reino de Deus foi fundada em 1977 por Edir Macedo, Romildo Soares e Roberto Lopes; sendo posteriormente liderada somente por Macedo. A igreja é identificada como uma das principais representantes do segmento neopentecostal (NUNES, 2006, p. 128), possui cerca de 2 milhões de adeptos no Brasil e está presente em diversos países de todos os continentes. Em suma, “as igrejas neopentecostais têm forte ênfase na trilogia: cura, prosperidade e libertação (ou exorcismo)” (BITTENCOURT, 1991 *apud* MARIZ, 1995, p. 41). Apresenta grande notoriedade pela sua presença na política e nas mídias, pela sua diversidade administrativo-econômica e pelo seu sistema doutrinário e ritualístico (ORO, 2006).

Robbins (2015, p. 177), as pessoas exemplares apresentam a ideia de junção de um valor com uma pessoa. Assim, as ações ou os produtos das ações das integrantes do Godllywood tornam-se exemplares por concretizarem os valores que a IURD preconiza. Fundamentando minha análise na perspectiva do autor (2015, p. 193-194), acredito que uma das formas das fiéis da IURD vivenciarem a existência de valores é através do contato com a própria igreja e com as integrantes do Godllywood que os exemplificam. Tal contato pode desenvolver um senso de propósito moral e de investimento no futuro nas fiéis (ROBBINS, 2015, p. 194).

Existe um conjunto de procedimentos e tarefas que as mulheres precisam cumprir para fazerem parte do Godllywood. Uma vez dentro do grupo, a participante deverá participar dos eventos, reuniões e obras sociais e continuará realizando tarefas e seguindo um código de conduta com regras estritas, que, uma vez quebradas, desqualificam a integrante a continuar na comunidade. O grupo também dispõe de “*personaltrainers* espirituais [2]”, as *sisters*, que acompanham o desenvolvimento das participantes, orientando-as, indicando tarefas e verificando a execução destas.

As tarefas propostas pelo grupo constituem-se em um programa pedagógico e disciplinador, que ensina como ser mulher e, principalmente, como ser uma “mulher virtuosa”, uma “mulher sábia” e “exemplar aos olhos de Deus”. As tarefas abrangem diversas dimensões da vida da mulher: espiritual, familiar, profissional, doméstica, conjugal etc. São propostas atividades cotidianas, tais como: ser carinhosa com alguém, não falar palavrão, cuidar bem do lar e da aparência, ser ativa na igreja, maquiarse de forma discreta, trajar vestidos, vencer um receio, etc [3]. Para Teixeira (2014, p. 232), a realização e a divulgação de tais práticas produzem “uma performatividade de gênero mimetizada em formas de falar, de se apreender e de experienciar os corpos”. Assim, as tarefas propostas generalizam de um modelo de gênero feminino baseado na feminilidade, na docilidade e na discricção, incentivando formas específicas de agir e de pensar sobre si.

A partir do ano de 2013, a festa começou a ser aberta para todo o público feminino da igreja. Mulheres de diversas idades, de várias partes do Brasil e do mundo comparecem ao evento trajando vestidos longos e véus que relembram os tempos bíblicos, adornos na testa e vários acessórios. O traje a caráter não é obrigatório, porém a maioria das mulheres se anima com a confecção da roupa para esse dia tão especial e aguardado. Existem inúmeros *sites* para auxiliar na montagem da roupa, da maquiagem e do penteado especialmente para essa festa.

A Festa dos Tabernáculos é uma ocasião singular na qual as mulheres apresentam seus testemunhos e compartilham suas experiências, enfatizando os ensinamentos do Godllywood. No Rio de Janeiro, a comemoração acontece no Templo da Glória do Novo Israel, em Del Castilho, no espaço onde ocorrem os cultos. O local possui capacidade para mais de oito mil pessoas sentadas (GOMES, 2011, p. 187), portanto é uma ocasião que reúne um grande número de participantes. De acordo com Elisa [4] – obreira da IURD, integrante do Godllywood e uma das minhas interlocutoras –, tal fato

[2] Categoria êmica.

[3] Informação disponível em <http://blogs.universal.org/cristianecardoso/pt/onde-estao-todos-os-desafios-godllywood>.

[4] Os nomes das interlocutoras foram substituídos para preservar suas identidades.

impede, por exemplo, a realização de ritos presentes na Festa dos Tabernáculos original, como o compartilhamento de comidas. A celebração normalmente inicia-se no começo da noite e possui duração aproximada de duas horas.

O cenário da festa constitui-se basicamente pela representação do deserto e/ou de cabanas no altar. O evento é conduzido principalmente pela Cristiane Cardoso, idealizadora do Godllywood e filha do bispo Edir Macedo. A ela, juntam-se algumas esposas de pastores, que, posicionadas no altar, também pronunciam as orações e sermões. Geralmente, a celebração inicia-se com a realização de uma oração na qual pede-se que Deus abençoe as mulheres presentes. Na prédica, relembra-se o esforço realizado pelo povo de Israel durante a escravidão no Egito, os momentos vividos nas cabanas no deserto e compreende-se como essas experiências podem e devem ser apreendidas nos dias atuais. Na celebração de 2014, por exemplo, Cristiane Cardoso discursou sobre como o passado de escravidão ainda aprisionava o povo de Israel, pois, apesar das pessoas estarem libertas, elas não conseguiam enfrentar os problemas que surgiam. Em seguida, ela afirmou que o mesmo acontece com muitas mulheres e aconselhou as participantes a se libertarem das mágoas, dos problemas e dos traumas do passado para então começarem uma nova vida com Deus. Nesse momento da prédica, há uma fronteira fixa entre quem fala e quem ouve; o próprio local onde a Cristiane Cardoso e as demais esposas de pastores se posicionam (altar) apresenta a legitimidade do lugar de fala dessas mulheres.

Após a prédica, há o momento de orações, cantos e ofertas e, ao final, há uma performance de dança em louvor a Deus. Utilizo o termo performance no sentido de caracterizar as “ações realizadas para as quais as pessoas treinam e ensaiam” (SCHECHNER, 2006, p. 29). Um grupo de dança do Godllywood apresenta uma coreografia ensaiada ao som de músicas hebraicas, típicas das comemorações judaicas, com muitos efeitos sonoros e visuais. As danças apresentam diversos movimentos de braços e véus e os gestos são realizados de acordo com as normas e a moral sexual defendida pela igreja. Nesse momento, as mulheres presentes somente observam a apresentação.

Geralmente, após a primeira apresentação, as participantes pedem a repetição da performance. Na segunda apresentação, as fiéis também são convidadas a dançar e a celebrar em forma de agradecimento a Deus. Nesse momento, há a possibilidade das mulheres não somente verem a apresentação coreografada do grupo de dança do Godllywood, mas também dançarem e serem vistas. Não há oposição entre corpo e alma, visto que a dança louva ao Senhor. É um momento de “efervescência coletiva” (DURKHEIM, 1996) e de alegria compartilhada, no qual podemos observar a dimensão performática da fé, que afeta diretamente o corpo. O término da comemoração ocorre com uma oração final e um canto de encerramento.

A festa possui uma enorme publicidade pela televisão, redes sociais, rádio e *sites* e é transmitida ao vivo pela TV Universal [5]. A experiência religiosa se manifesta utilizando uma linguagem moderna, em uma igreja que possui uma dinâmica intensa e que investe em tecnologia, fazendo uso de diferentes instrumentos midiáticos. A IURD utiliza todos esses aparatos contemporâneos porque de-

[5] A TV Universal é um canal brasileiro pertencente à Igreja Universal do Reino de Deus. Transmite conteúdo de evangelização e para os fiéis da igreja 24 horas por dia via internet. O seu conteúdo também pode ser acessado via TV aberta e rádio.

seja inserir-se no mundo moderno, e não fugir dele; e seus fiéis geralmente estão familiarizados e se sentem bem com essa conjuntura.

Obtive a oportunidade de acompanhar todo o preparo para a participação na festa através de Dona Ester, que se tornou minha principal interlocutora. Por meio das suas falas, pude entender o sentido de toda dedicação e cuidado com os quais as mulheres se prepararam para fazer parte da celebração. Dona Ester tem 52 anos, é obreira da igreja e integrante do Godllywood. Ela, com suas habilidades na costura, confeccionou dois vestidos especialmente para a festa; um para ela e outro para sua filha, Elisa. Segundo dona Ester, as participantes da festa agradecem, renovam sua fé e buscam uma experiência com Deus para se tornarem mulheres melhores. Para ela, os ensinamentos que são passados na reunião transformam a vida de cada uma das participantes, transmitindo a importância do valor espiritual das mulheres e a necessidade de se confiar nos planos de Deus.

No momento em que discorria sobre a relevância da celebração, dona Ester me explicou a conexão da história da festa com a sua história de vida. Dona Ester morava no interior do Pará e, ainda jovem, conheceu o seu esposo, se casou e teve dois filhos. Eles se mudaram para a capital e, no início, moraram em uma casa com condições precárias de subsistência e passaram por muitas dificuldades financeiras. De acordo com ela, nessa época, seu esposo bebia, e isso afetava o comportamento dele dentro de casa. Durante esse tempo, ela desenvolveu uma hemorragia interna grave, que a deixou internada, correndo risco de vida. Após esse período conturbado, seu esposo se converteu e foi transferido para uma base militar no Rio de Janeiro, levando toda sua família com ele. Ao final do relato, ela me disse que esteve no “deserto” por muito tempo, mas finalmente encontrou a sua “Terra Prometida”, pois conseguiu alcançar a prosperidade que tanto desejava. Atualmente, seu esposo se estabilizou na base militar e abriu uma empresa própria de materiais e serviços de construção, na qual ela também trabalha. Seus filhos são graduados e trabalham e a sua família “serve a Deus”.

É interessante mencionar que muitas das práticas e discursos presentes na Festa dos Tabernáculos são caracterizados como “impuros” por outras igrejas. A Igreja Presbiteriana do Brasil, por exemplo, elaborou um documento intitulado “Relatório da Comissão Permanente de Doutrinas da Igreja Presbiteriana do Brasil sobre a Igreja Universal do Reino de Deus” [6]. O documento busca demonstrar como a IURD seria uma igreja “menos pura” devido ao tipo de hermenêutica adotada para a leitura bíblica (GOMES, 2011, p. 123). Em uma parte do documento, critica-se a reencenação e reinterpretção de episódios bíblicos, sob o argumento de que existe uma alegorização de tais episódios e um desrespeito pelo contexto histórico dos textos bíblicos, além de não haver distinção entre o que é descritivo na Bíblia e o que é normativo para os cristãos.

2. Alguns elementos para a discussão

A Festa dos Tabernáculos apresenta uma dimensão ritual na medida em que comporta “um conjunto de atos formalizados, expressivos, portadores de uma dimensão simbólica” (SEGALEN, 2002, p. 31). A cerimônia possui uma configuração específica no espaço e no tempo, além de um sis-

[6] Ver o Relatório da Comissão Permanente de Doutrinas da Igreja Presbiteriana do Brasil sobre a Igreja Universal do Reino de Deus disponível em <http://www.executivaipb.com.br/>.

tema de linguagem, comportamentos e símbolos singulares, comuns àquele grupo religioso. A festa é feita e refeita ao longo do tempo permeando a experiência social das participantes, e os seus ritos, individuais ou coletivos, possuem um caráter corporal, representativo e simbólico fundados numa conexão mental. Assim, observamos que a festa suscita, mantém ou faz renascer certos estados mentais do grupo (DURKHEIM, 1996), como, por exemplo, o sentimento de gratidão a Deus e de pertencimento ao grupo religioso.

As performances apresentadas no momento da dança são interessantes elementos para a análise do ritual. Em sua pesquisa, Ricco (2015) já apresentava o acalorado debate sobre a dança como parte do louvor cristão. De acordo com a autora (p. 46), “se de um lado os evangélicos Protestantes Históricos consideraram a dança desapropriada para o culto, os Pentecostais, e alguns grupos Neopentecostais, aderiram à prática, as facultando ressignificações”.

De acordo com Lays Rodrigues, uma das responsáveis pelas coreografias apresentadas em 2014, a dança representa o louvor e a gratidão, na qual as piruetas e os saltos representam a liberdade, os giros representam a transformação, o movimento com os braços erguidos representam o louvor, o sorriso e as palmas representam a alegria fruto do “Espírito Santo” e os movimentos de dupla representam a irmandade do Godllywood [7]. Assim, a dança se mostra como atividade coletiva com uma função específica: a de louvar ao Senhor. Ela é “parte integrante de um importante investimento social associado ao cerimonial religioso” (EVANS-PRITCHARD, 2014, p. 37).

Podemos perceber que a comemoração expõe a compatibilidade entre a eficácia do ritual sagrado e o entretenimento. Para Schechner (2012, p. 81), a performance pode ser reconhecida como um ritual, porém “se a proposta da performance é principalmente dar prazer, ser mostrada, ser bela ou passar o tempo, então a performance é um entretenimento. O fato é que nenhuma apresentação é eficácia pura ou entretenimento puro”. Dessa forma, no caso particular da Festa dos Tabernáculos, o corpo atua como parte do ritual de adoração e de louvor a Deus através da dança, e a performance, fundamentada na interação e na experiência pessoal do intérprete, conduz o grupo à adoração.

O estudo do vínculo da IURD com a “Terra Santa de Israel” é uma outra importante chave analítica para compreender não somente o sentido e significado da Festa dos Tabernáculos, mas também toda a cosmologia da igreja. O vínculo com a “Terra Santa” encontra-se presente em diversos discursos e práticas da instituição e, inclusive, na arquitetura de seus templos. De acordo com o bispo Macedo (Folha Universal, nº. 253, p. 1A *apud* GOMES, 2011, p. 175), o discurso de identificação com o povo de Israel ocorre sobretudo porque Deus se revelou primeiramente para esse povo, existindo, então, uma “sintonia de fé” entre o povo e os fiéis da IURD.

O Templo da Glória do Novo Israel, onde ocorre a Festa dos Tabernáculos e os encontros mensais do grupo Godllywood no Rio de Janeiro, apresenta o vínculo com o Israel bíblico em sua arquitetura. Dentro do templo, encontramos, por exemplo, a réplica do Muro das Lamentações – localizado em Israel – e a reprodução da maquete de Jerusalém. Além da representação desses locais simbólicos, diversos materiais utilizados para suas construções foram trazidos de Israel. Segundo Gomes (2011), a

[7] Informação disponível em www.universal.org.

memória coletiva desse grupo religioso é pautada no Israel bíblico, e o Templo da Glória do Novo Israel apresenta a materialização dessa memória.

Para dona Ester, estar no templo é uma forma de entrar em contato com a “Terra Santa”. Assim, a catedral pode ser identificada como um “lugar de memória” (NORA, 1993), no qual o grupo se reconhece, se afirma e se distingue dos demais, visto que a “Terra Santa” está sendo (re)criada nesse local. De acordo com Nora, os “lugares de memória” têm sentido material, funcional e simbólico e são responsáveis por ligar o passado ao presente. Através da materialização da “Terra Santa”, a sede carioca produz, fixa e transmite a memória; e a festa, por sua vez, rememora um acontecimento bíblico que deixa sua impressão na história das participantes.

Podemos perceber que, através da Festa dos Tabernáculos, memórias e saberes são produzidos, mobilizados e transmitidos. A celebração e sua geografia sagrada (Templo da Glória do Novo Israel) passam pela mediação de objetos, que, ao serem manipulados, promovem espaços-tempos de conhecimento. De acordo com Gomes (2011, p. 175-176), a associação entre a memória remetida à “Terra Santa” e a construção da identidade e do fortalecimento religioso da igreja demonstra a importância desse vínculo na concepção nativa de autenticidade.

Por meio do estudo do ritual da Festa dos Tabernáculos, também podemos analisar a relação entre memória e identidade. Segundo Pollack (1992), a identidade é constituída pela percepção e representação, ou seja, é o sentido da pessoa para a própria pessoa e para os outros. Podemos perceber, através da conexão entre a história da festa e a história de vida de dona Ester, que a identidade se relaciona com a memória, visto que a reconstrução da “pessoa” de dona Ester fundamenta-se na rememoração de experiências, pessoas e lugares. Assim como o povo de Israel, dona Ester necessitou passar por todo o “deserto” para chegar à “Terra Prometida” e, apesar de ter enfrentado dificuldades, ela afirma que Deus sempre esteve ao seu lado, protegendo-a. O rememorar é, então, um elemento constitutivo de identificação e estabelece também as características particulares de cada indivíduo. De acordo com o autor (p. 204),

Podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

Através do discurso de dona Ester, observamos a vinculação de sua história de vida com a memória coletiva do grupo (pautada no Israel bíblico) e a ênfase dada à capacidade de superação e conquista pela fé. Em suma, a memória coletiva e as narrativas de identificação com o “povo escolhido” são fundamentadas basicamente por referências bíblicas presentes no Antigo Testamento, que são relacionadas com as trajetórias e memórias da igreja e de seus membros. Assim, podemos observar que a identificação com o povo de Israel atravessa o contexto ritual e penetra na vida cotidiana na medida em que os fiéis se percebem, se apresentam, organizam e significam suas experiências (passadas e atuais) de modo refletido às situações e aos personagens bíblicos.

Através da materialização da memória coletiva no templo e do discurso do Bispo Macedo e da IURD sobre a “sintonia de fé” entre os fiéis e o povo do Israel bíblico, há a “consolidação de uma co-

munidade moral de semelhantes” (DULLO, 2011, p. 106). Além da relação de identificação entre fiéis da IURD e personagens do Israel bíblico, há uma relação de exemplaridade (DULLO, 2011, p. 106), em que estes últimos são vistos como exemplos de conduta a serem seguidos. Tais personagens exemplificam o poder da fé e evidenciam uma “pedagogia do sucesso” (DULLO, 2011, p. 107) para uma vida espiritual, moral e terrena ideal. Dessa forma, “a semelhança permite a identificação, o reconhecimento e a adesão à normatividade expressa pelo indivíduo ‘bem-sucedido’, exemplar” (DULLO, 2011, p. 121).

De acordo com Bourdieu (2006), o relato autobiográfico, caracterizado pela narrativa coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, constitui uma ilusão retórica, uma representação comum da existência. Para o autor, tanto os relatos autobiográficos como a ideia de identidade baseada na constância de si encontram-se apoiados em instituições de totalização e de unificação do "eu", que direcionam a atribuição de sentidos e a busca de coerência às experiências sociais. Sendo o sujeito múltiplo e o real descontínuo, multifacetado, formado por elementos justapostos que surgem de modo imprevisível e aleatório, Bourdieu acredita ser ilusória a realização de um discurso cronologicamente ordenado com relações inteligíveis e coerentes.

Não nego que o relato autobiográfico possa variar em forma e conteúdo de acordo com o contexto em que é produzido. Porém, a questão que desejo elucidar é a capacidade agentiva do ritual ao oferecer sentidos e organização às experiências sociais das participantes. Nessa perspectiva, a Festa dos Tabernáculos pode ser vista como um mecanismo social que favorece a totalização e unificação da vida, visto que nela são produzidos discursos, sentidos e significados relacionados às diversas experiências passadas e/ou atuais das participantes e à sua própria identidade. Através de metáforas relacionadas ao episódio bíblico da caminhada no deserto até a “Terra Prometida”, ocorre a produção não somente de coerência e sentido para as experiências, mas também a produção de um discurso de identificação com o “povo escolhido”.

Os testemunhos expostos na festa e nas reuniões do grupo Godllywood também constituem o complexo processo de autocriação do “eu” das participantes, visto que o indivíduo fala sobre si e organiza suas experiências apresentando-as para si mesmo e para os outros. Através dos testemunhos, as mulheres narram os sofrimentos vividos e contrastam com a sua atual vida próspera. Dessa forma, há a reprodução e materialização dos discursos religiosos e a comprovação da eficácia dos ensinamentos da igreja e do Godllywood.

Esses testemunhos incentivam o monitoramento por parte dos indivíduos de suas próprias vidas e estimulam a internalização dos discursos e das técnicas disciplinares propostos. Segundo Dullo e Duarte (2016), o testemunho no Cristianismo é uma prática antiga e constitutiva de transmissão da fé cristã. Podemos observar, através do testemunho de dona Ester, que o ato de testemunhar transmite “uma experiência pessoal densa de sentido, capaz de gerar efeitos sociais tanto no testemunhante quanto em sua audiência” (DULLO; DUARTE, p. 13).

Pude perceber que, em algumas matérias do site oficial da IURD, as participantes da festa são denominadas como “espectadoras”. Tal fato pressupõe que essas mulheres estão assistindo a um espetáculo feito para elas e também pode sugerir uma posição passiva das integrantes no ritual. Busquei

evidenciar com este estudo que as participantes não só assistem à celebração, mas realizam agenciamentos tanto no momento do ritual quanto na aceitação dos discursos e práticas propostas e na articulação destes com suas experiências sociais e identidades. Assim como apresentado por Mahmood (2006) em sua pesquisa sobre um movimento pietista de mulheres mulçumanas no Egito, estamos analisando um contexto no qual as concepções de liberdade e emancipação não são valores centrais. Portanto, baseando-me na perspectiva da autora, considero a agência dessas mulheres não como sinônimo de resistência às relações de dominação e tradição, mas como a capacidade de ação dentro dessas relações específicas.

A participação na festa é descrita pelas interlocutoras como uma experiência transformadora, gratificante, reflexiva e de autoconhecimento. Visto que a habilidade de agir, de realizar transformações é histórica e culturalmente específica, um caso de aparentemente passividade, como a participação na celebração e na adesão dos valores envolvidos, pode apresentar modelos de agenciamentos distintos que só serão percebidos dentro do contexto em que estão inseridos (MAHMOOD, 2006).

3. Considerações finais

A busca pelas perspectivas das fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus, em diálogo com as categorias e conceitos antropológicos, foi essencial para a compreensão do trânsito de sentidos da Festa dos Tabernáculos. As crenças e os ritos presentes na festa são, dentro da estrutura construída pela IURD, coerentes e estruturantes de um complexo de regras sociais. Através do Godlywood e da realização dos eventos promovidos por esse grupo, como a Festa dos Tabernáculos, as mulheres alcançaram um espaço específico de liderança e de adoração feminina dentro da IURD. O grupo oferece um conjunto de regras, valores e verdades para quem procura uma orientação, e tal conjunto possui um apelo seguro em meio às incertezas características da modernidade (BERGER, 2000).

O trânsito de sentidos da celebração ocorre pela memória e pela transformação, na medida em que as pessoas presentes se conectam a um passado, elaboram suas identidades e constroem suas subjetividades. A análise da festa esclarece questões acerca da organização das experiências sociais das participantes e sua relação com o sagrado. Ademais, as dimensões dessa comemoração se relacionam com o espetáculo, havendo um impacto das experiências e das performances religiosas na construção da autoconsciência individual e coletiva (CONTINS *et al.*, 2015, p. 10).

O Templo da Glória do Novo Israel, onde ocorre a festa no estado do Rio de Janeiro, atua como um lugar de memória, visto que a “Terra Santa de Israel” está materializada nesse local. Para Contins (2011, p. 13), “a IURD busca, na construção de catedrais, a expressão espacial e arquitetônica de sua ideia de permanência, continuidade, vínculo com uma memória e uma história”. Assim, percebemos que a memória coletiva da IURD é pautada no Israel bíblico e os objetos e lugares promovem o contato com esse local sagrado, proporcionando contextos de aprendizagem que lembram e transmitem a memória.

Nesse contexto, observamos que a festa promove uma movimentação de pessoas e de objetos que fazem parte de um ritual de afirmação da memória coletiva. Percebemos também que há o espraiamento do ritual, na medida em que suas dimensões ultrapassam o momento de “efervescência coletiva” da festa e alcançam o cotidiano das participantes através das práticas disciplinares de cuidado de

si, propostas pelo Godllywood, e da influência da memória coletiva na organização das experiências sociais e na construção da identidade dessas mulheres.

De acordo com Leiris (2001, p. 11 *apud* CAVALCANTI, 2002, p. 46), os ritos são "espetáculos reveladores em que tangenciamos o mundo e a nós mesmos, trazendo à superfície elementos da nossa vida abissal". Nessa perspectiva, podemos compreender a Festa dos Tabernáculos como uma ocasião de experiência viva e de elaboração de mecanismos simbólicos de construção de sentido. As vestimentas, o cenário, as músicas e os discursos são linguagens expressivas adotadas para comunicar o contexto ao qual o ritual se refere. Tais dimensões artísticas e narrativas são singulares àquele grupo religioso, e sua inteligibilidade deriva da compreensão da conjuntura em que estão inseridos. Ademais, as formas de sensibilidade e entendimento produzidas no ritual são experienciadas pelas participantes conforme o nível de pertencimento e de familiaridade com o grupo religioso em questão.

Através deste estudo, busquei demonstrar que a análise dos rituais pode auxiliar na compreensão da realidade social mais ampla, sendo, portanto, uma poderosa categoria analítica. Em suma, há uma necessidade prática, moral e social do ritual da Festa dos Tabernáculos, pois ele reafirma valores, mantém a vitalidade das crenças, confirma a unidade do grupo e promove a integração social. Podemos concluir com a perspectiva de que a festa é um momento único e extraordinário, em que as pessoas se conectam a um estado coletivo e a um passado bíblico percebido e reivindicado como seu e materializado no local onde ocorre (GOMES, 2011, p. 171-172). Nessa ocasião particular, ocorre não somente a formulação e transmissão da memória, mas também a construção do sentido de identidade (individual e grupal) e a organização das experiências sociais das participantes. 🌀

NOTAS

*Estudante, à época da submissão do artigo, do 9º período de Ciências Sociais na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: taibrito26@gmail.com. Nota da autora: O presente estudo foi orientado pela Professora e Pesquisadora Associada do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e do Instituto de Ciências Sociais da UERJ, Dra. Marcia Contins, e encontra-se inserido no projeto de pesquisa da própria intitulado Religião e Etnicidade na Contemporaneidade. Agradeço às orientações da professora Marcia Contins e às minhas interlocutoras, Dona Ester e Elisa, cujas participações foram imprescindíveis para o desenvolvimento da pesquisa. Este trabalho foi apresentado no I Congresso de Graduação em Antropologia e agradeço também aos debatedores do evento, Debora Simões e Wagner Chaves, que contribuíram de forma significativa para este estudo.

REFERÊNCIAS

- BERGER, Peter. A Dessecularização do Mundo: uma visão global. *In: Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 9-23, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 183-191.
- CAVALCANTI, Maria Laura. Os sentidos no espetáculo. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 45, n. 1, p. 37-78, 2002.
- CONTINS, M. Prefácio. *In: GOMES, E. A era das catedrais: a autenticidade em exibição*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011. p. 11-13.

- CONTINS, Marcia; PENHA-LOPES, Vânia; ROCHA, Carmem (orgs.). **Religiosidade e performance: diálogos contemporâneos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2015.
- DULLO, Eduardo; DUARTE, Luiz Fernando Dias. Introdução. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 2, p. 12-18, dez. 2016.
- DULLO, Eduardo. Uma pedagogia da exemplaridade: a dádiva cristã como gratuidade. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 2, p. 105-129, 2011.
- DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da vida Religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- EVANS-PRITCHARD, E. A dança. In: CAVALCANTI, M. (org.). **Ritual e Performance – 4 estudos clássicos**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.p. 21-38.
- GOMES, Edlaine de Campos. **A era das catedrais**: a autenticidade em exibição. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.
- MAHMOOD, Saba. Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito. **Etnográfica**, Lisboa, v. 10, n. 1, p. 121-158, 2006.
- MARIZ, Cecília. Perspectivas Sociológicas sobre o Pentecostalismo e o Neopentecostalismo. **Revista Cultura Teológica**, n. 13, 1995.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.
- NUNES, Tarcílio. O crescimento das igrejas neopentecostais no Brasil: um olhar sobre a política da Igreja Universal. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, Minas Gerais, v. 1, n. 35, p. 127-132, 2006.
- ORO, Ari Pedro. O “neopentecostalismo macumbeiro”. **Revista USP**, São Paulo, n. 68, p. 319-332, 2006.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.
- RABUSKE, Irineu; SANTOS, Paola; Gonçalves Hosana; TRAUB, Laura. Os evangélicos brasileiros: quem são, de onde vieram e no que acreditam? **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 4, n. 12, 2012.
- RICCO, Ana. “**Ministérios de Dança**”: um olhar sobre dança e religião entre os evangélicos. 2015. 195 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- ROBBINS, Joel. Onde no mundo estão os valores? Exemplaridade, Moralidade e Processo Social. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 17, n. 39, p. 164-196, ago. 2015.
- SCHECHNER, Richard. **Performance e Antropologia de Richard Schechner**. Org. Zeca Ligiero. São Paulo: Hucitec, 2012.
- SCHECHNER, Richard. What is performance? In: **Performance Studies: an introduction**. 2. ed. Nova York: Routledge, 2006.p. 28-51. (Trad. ALMEIDA, R. L).
- SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.
- TEIXEIRA, Jacqueline. Mídia e Performances de Gênero na Igreja Universal do Reino de Deus: o desafio Godllywood. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 2, p. 232-256, 2014.

Recebido em 19/08/2018

Aprovado em 07/12/2018